

Realizar-se-á a Batalha de Flores?

A fim de ser resolvido em definitivo a realização da Batalha de Flores de Loulé, efectua-se na 4.ª feira, dia 9, pelas 21 horas, uma reunião na Câmara Municipal. Será para desejar que compareçam todas as pessoas que realmente se interessem por não deixar morrer o Carnaval de Loulé.

ANO XI N.º 267
JANEIRO - 6
1963

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154-R. Tenente Valadim, 30-FARO

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216-R. da Carreira, 42-44-LOULE

(Avença)



ESPERANÇA RENASCIDA

Um novo ano é sempre ocasião e magnífica, assinala-se, para o formular de votos, para o traçar de rumos, para o arquitectar de projectos. E quando nos lembramos, que na reduzida extensão volumétrica de um cérebro, se traçam planos de viagens interplanetárias ou de grandiosas concepções, pensamos também na excelência paradisiaca que seria o mundo se todos os homens quisessem. Surge-nos assim a formulação desse voto, que irmania totalmente milhões de indivíduos — a paz, a harmonia e a compreensão — supremos valores que caracterizando a cristã civilização ocidental, têm sido ao longo dos anos o apanágio supremo da Pátria Portuguesa.

TEMAS ULTRAMARINOS

Em prol da integração

Por GUEDES DA SILVA

Não podem restar dúvidas de que o futuro do Ultramar Português, tem dividido a opinião pública que, verdadeiramente, se interessa pelos problemas que formam a vasta problemática do Portugal de Além-Mar.

Estão postas, indiscutivelmente duas teses à consciência dos portugueses; essas são — a integração e um sistema de administração autónoma ou autonomizado. Os defensores, ou alguns defensores da tese integracionista, têm percorrido o País em vista de explicarem e conscientizarem as populações, sobre o que é uma verdadeira política de integração. Terá de se aguardar os defensores da outra tese, para além de afirmarem que o conceito integracionista está ultrapassado, venham dizer à Nação, com igual pormenor dos defensores da tese oposta, em que plano e que dimensão reveste o princípio de autonomia a encaminhar a administração Ultramarina.

Isto, porque, queremos parecer,

que o futuro do Ultramar Português, tem dividido a opinião pública que, verdadeiramente, se interessa pelos problemas que formam a vasta problemática do Portugal de Além-Mar.

Estão postas, indiscutivelmente duas teses à consciência dos portugueses; essas são — a integração e um sistema de administração autónoma ou autonomizado. Os defensores, ou alguns defensores da tese integracionista, têm percorrido o País em vista de explicarem e conscientizarem as populações, sobre o que é uma verdadeira política de integração. Terá de se aguardar os defensores da outra tese, para além de afirmarem que o conceito integracionista está ultrapassado, venham dizer à Nação, com igual pormenor dos defensores da tese oposta, em que plano e que dimensão reveste o princípio de autonomia a encaminhar a administração Ultramarina.

Isto, porque, queremos parecer,

COMANDANTE

Daniel Rocheta

Acompanhado de sua esposa e filhinhos, esteve durante alguns dias em Loulé e visitou, em roteiro de saudade, vários pontos do Algarve, este nosso querido amigo, prezado assinante e conterrâneo, que, na metrópole, está a gozar merecidas férias do seu criterioso e prestigiativo governo de Quelimane.

Forte vendaval varreu a costa do Algarve durante vários dias da passada semana, pondo em perigo muitas embarcações pesqueiras e impossibilitando quase por completo as normais actividades piscatórias, do que resultou grande escassez de peixe.

Em Quarteira, o mar desceu a tal forma a praia que o nível da areia baixou cerca de 1,50 m.. No dia 1 a praia oferecia, por isso um aspecto desolador, agravado pelo aparecimento dum camada de areia negra.

Algunas das casas que se situam próximo do mar (junto ao Mercado) sofreram importantes

dano.

(Continuação na 4.ª página)

Caleidoscópio

Certo nacionalista exaltado, condutor político de uma grande nação que sonhou elevar a um plano de exclusiva preponderância mundial, estipulou que todos os seus nacionais tinham o direito de visitar a capital do país, ao menos uma vez na vida.

Sempre que adregava irmos a Lisboa, ocorre-nos esse preceito de comando cuja obediência não traria qualquer mal ao Mundo.

Na verdade, voltados quase trinta anos desde que tivemos o prazer de divisar, Lisboa, pela primeira vez, essa grande e majestosa urbe, da bulícosa povoaçao de Cacilhas, é ainda com certa emoção que a experimentamos numa altura em que os cabelos brancos indicam o termo da juventude.

Deambular livremente e sem destino pelas suas ruas olhando provincianamente para as suas belas montras e tudo o mais que os olhos tenta é prazer de que nos dispensamos sempre que o tempo não mingua.

Teatros e cinemas, constituem obrigação a cumprir e atempadamente delineada, ainda em casa, através de minuciosa consulta dos jornais. Assim, não quisemos perder o ensejo de ver «Os Maias», adaptação ao teatro da famosa obra de Eça de Queiroz. Com ela bem presente, atraímos ainda a curiosidade de ver como seria possível a adaptação de um trabalho cujo mérito reside na ideia geral, é certo, mas muito principalmente no pormenor, apreensível em atenta e cuidadosa leitura.

A expectativa não foi ilusória e foi com sensação de inteiro agrado que saímos sem o arrependimento do elevado custo do bilhete.

Por isso, aqui sugerimos aos apreciadores do teatro, digno desse nome, uma ida ao Nacional, com a prévia certeza de que não será tempo mal empregado. E parece-nos cabida essa reserva.

(Continuação na 2.ª página)

Vem aí o Carnaval

— e o de Loulé, quem o organiza?

Sua excelência o Entrudo, é uma ilustre mas caricata personagem, que o povo de Loulé adora, a tradição estima e os foliões abençoam.

Afora períodos críticos da vida portuguesa — isto é, «quando a tristeza nos invade» como reza a cantiga — a eufórica festa louletana sempre se tem mantido viva no elenco das boas realizações locais, como um cartaz permanente e honroso para Loulé e para aquela pleia de filhos empreendedores desta terra. Com honra para os obreiros, fama para Loulé e proveito para o Hospital, tudo coisas sabidas e ressabidas, mas que convém repetir para lembrar aos esquecidos ou desmemorados, aos inertes ou azémolas, aos indiferentes ou inteligentes do «não-te-rales», que a função festiva é produto da tecnicidade daquelas que a têm sabido manter através de todas as vicissitudes, de todas as cancelas e de todas as boas-vontades, como dignos herdeiros dum riquíssimo legado por louletanos de antanho, cheios de fibra e coragem, e que tão alto elevaram a

cantada fama das nossas virtudes bairristas.

Travestido das mais disperas fantasias, com figuração burlesca, sofisticada ou quixotesca, como mandam os canones entusiastas, recamado de joias raras ou vulgares, imponente de riqueza valiosa ou modesta simplicidade, com humildade ou soberania, o Carnaval de Loulé, quando desce à rua da folia e do prazer, vem investido daquela soberana vontade de distribuir a ricos e pobres, a velhos e novos, a grande riqueza que todos almejam: a alegria de viver, o grato prazer dos momentos desculpidos de brincar ou ver brincar, de saborear a onda contagiosa do riso, que todos em boas e harmonia concedemos, uns aos outros num intercâmbio de graça, optimismo e boa disposição.

A troco de quê? Duns escassos escudos, destinados a ornamentar um dos símbolos mais belos da festa: a beneficência, nobre senhora que desde os pri-

(Continuação da 2.ª página)

Reclamação justa

Quando há anos foram aumentadas as tarifas do transporte de passageiros, as empresas de camionagem queixaram-se de esse aumento, pois lhes não interessava nem convinha, alegando que a fixação dessas tarifas pelo Estado presidia o protecionismo aos caminhos de ferro. Em resumo... contrariadas mas aumentaram as tarifas.

Cremos que, para obviar aos clamores das empresas, então campeãs da defesa dos operários e dos estudantes, onerados pelo aumento em benefício das companhias ferroviárias, o § 5.º do art.º 155 do Decreto-Lei n.º 37/272 (Regulamento dos Transportes em Automóveis) concedeu, às empresas concessionárias, a faculdade de criarem bilhetes de assinatura semanal para estudantes e operários, a preços com redução de 50% sobre os bilhetes normais.

Claro que a lamúria cessou... mas só quando há concorrência nas carreiras as empresas usaram da facultade concedida.

Assim os operários e os estudantes da zona a Sotavento de Faro, onde 3 empresas fazem transportes de passageiros, beneficiam da redução, mas entre Faro e Portimão e Silves, a mãe EVA, beneficiária em exclusivo,

diz que isso não é com ela. Pensamos até que na antiga escamône dos estudantes, alugada expressamente para transportar os estudantes de manhã de Loulé para Faro, o aluguer era à base de bilhete normal.

Gostaríamos que, também neste aspecto, a EVA evidenciasse a sua legenda «Para bem servir», concedendo aos estudantes — e não são poucos — que utilizam as suas carreiras para Faro, tal benefício, com o que contribuiria até para não incentivar os pedidos de boleias.

Com isto não fazemos mais que apoiar alvitres que nos chegam.

(Continuação na 4.ª página)

Em pleno mar dos Açores

A bordo do navio

fala-se do ALGARVE
e do Carnaval de LOULÉ

Foi em Dezembro de 1959 que eu tive o prazer de viajar, durante vinte dias, pelas nossas Ilhas da Madeira e Açores na grata missão de examinar Bandas Civis.

Nada melhor para se aprender e observar, e, ver e ouvir o que se diz lá fora a respeito do que é a nossa casa cá dentro, do que viajar-se por esse Mundo além.

Pedimos a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de cobranças, a especial fineza de nos remeterem a importância das suas assinaturas, o que desde já reconhecidamente agradecemos.

Seduzido pela inebriente Madeira, por essa maravilha de encanto, de amor e de poesia, percorro depois, nos Açores, as ilhas de Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial. Embora o cenário seja de outro cambianto, tem ele, todavia, seus enlevo de alma.

Dispuz-me, como sempre, a escrever o que me foi dado observar, e nesse registo (livro a sair brevemente) tenho a seguinte passagem que passo a oferecer, desde já, aos leitores deste jornal da nossa Terra:

Navega o velho navio «Carvalho Araújo» da Graciosa para S. Jorge.

Olha-se com enlevo para os maravilhosos reflexos curo-prata com que o mar delicia a nossa sensibilidade; ouve-se em redor de saudade as notícias da terra distante que a T. S. F. nos dá; e com interesse percorrem-se os horizontes que nos dão um lindo quadro: o límpido e azulino mar, o voar razante das gaivotas.

(Continuação na 2.ª página)

A E.V.A., os seus serviços e as suas instalações

Da E. V. A. recebemos a carta que a seguir publicamos.

Não merece ela qualquer reparo à direcção do jornal, mas lastimamos que Mário Lepo persista na sua atitude, que ratifica ao dizer-nos que com o encerramento, que deliberou da secção «Ao correr da pena...» morreu a possibilidade de, da sua parte, fazer outro comentário à vida local.

Se as respostas ou a má recepção dos nossos comentários fossem entendidos pelo prisma de Mário Lepo... não seria longa e dura a actividade de quem escreve para o público.

Esperamos que o nosso colaborador não tenha quebrado irreversivelmente os bicos da sua apreciada pena.

Ex.mo Sr.
Director do Jornal «A Voz de Loulé»
LOULE

Apresentamos a V. Ex.º os nossos agradecimentos pela publicação, no n.º 265 do Jornal daqui dada resposta ao artigo que, sob o título «Ao correr da pena...», havia saído no número 263.

Mas, como aquela nossa resposta mereceu réplica do autor do dito artigo, somos forçados a pedir a V. Ex.º, uma vez mais,

o favor da publicação dos seguintes esclarecimentos:

1.º — Confirmamos o que dissemos sobre as dificuldades encontradas para ampliação das instalações de Loulé, onde funcionam a Sala de Espera e os restantes serviços da nossa rede de camionagem. No entanto, registre-se — aquilo que poucos conhecem e que o autor do artigo certamente ignora — não compete às empresas de camionagem a obrigação de construirem as suas estações. Com efeito, conforme estabelece o decreto n.º 37/272, da cobrança, pelo Estado, do Imposto de Camionagem (e a EVA está pagando cerca de 2.400 contos por ano desse imposto), 60% destina-se ao Fundo especial de camionagem que, entre outros fins, tem o de construir as estações de camionagem (art.º 214.º). Portanto, tudo o que a EVA tem feito em matéria de estações, constitui uma vantagem. A de Loulé foi a primeira a ser construída. Porque o movimento aumentou consideravelmente, está desactualizada.

(Continuação na 2.ª página)

PARA QUANDO UMA ESTAÇÃO dos C.T.I. EM SALIR?

Embora criada há mais de um ano, como oportunamente noticiámos (por comunicação da Administração dos C. T. I.) ainda não se vislumbra quando será uma realidade a tão necessária como desejada estação dos C. T. I. de Salir.

Dos benefícios daí resultantes para uma população que vive relativamente afastada dos principais centros urbanos, nem vale pena falar porque são superiores a quaisquer dificuldades que estejam a entrar a concretização de um melhoramento que consideramos inadiável.

Acreditamos que haja entraves propostos e falta de colaboração de quem devia esforçar-se por tornar realidade uma premente necessidade de uma populosa região, mas entendemos que as entidades oficiais deviam agir com mais eficiência no sentido de concretizar tão importante empreendimento.

E, já agora, fica bem recordar aqui o que dissemos quando da notícia de que fora criada a estação em referência:

«Já que se encontra oficialmente criada a estação dos C. T. I. de Salir e que esse melhoramento está agora dependente de instalações adequadas, compete aos salirenses evidenciarem os seus melhores esforços no sentido de possibilitem à Administração dos C. T. I. o aluguer da casa de que carece para pôr à disposição do público tão úteis serviços públicos.

Apesar da falta de bairrismo de que muitos salirenses temido sobejamente provas, estamos em crer que irão agora esforçar-se por facilitar a realização deste melhoramento. Assim o esperamos.



Para Faro o ano de 1963, ora iniciado apresenta-se com as melhores perspectivas, pois finalmente se vai concretizar esse sonho da terra algarvia, que é o Aeroporto.

Por outro lado surge também como obra do maior interesse a construção do cais comercial do porto comum Faro-Olhão — porta de saída dos produtos exportados — e de movimento futuro de certos sectores da corrente turística.

A dentro do plano de obras muitas justificadas, segue no dia 4 do corrente para o Brasil, onde Rio de Janeiro iniciará uma série de espectáculos em terras

várias sentidas, além de empreendimentos de carácter turístico — a valorização da Praia de Faro, — a pavimentação de artérias e a electrificação de freguesias rurais. Em suma, um ano que se inicia fértil de projectos, os quais se tiverem a necessária concretização muito contribuirão para o progresso da airoso capital algarvia.

Filipe de Brito, o moço acordeonista algarvio, seguiu no dia 4 do corrente para o Brasil, onde Rio de Janeiro iniciará uma série de espectáculos em terras

(Continuação na 3.ª página)

Caleidoscópio

(Continuação da 1.ª página)

pois aconteceu que, durante um dos intervalos, quando mirávamos, mais uma vez, uns quantos bustos de glórias ligadas ao teatro, expostos à entrada, ouvimos breve conversa entre um senhor de certa idade e um jovem, com ar desportivo, provavelmente seu familiar e convidado. A pergunta do primeiro se estava a gostar d'esperctáculo, ouvimos a seguinte heresia: — sim, não é mau, contudo ainda aprecio mais um jogo de futebol!

Se o leitor é desses, então... não vá perder o seu precioso tempo!

Ao relemos essa maravilhosa obra prima da literatura portuguesa, genial criação do mesmo Eça de Queiroz, intitulada «O Suave Milagre» e cuja validade eterna está patente na sua recente publicação num dos jornais de maior tiragem no País, encotrâmos a seguinte passagem:

... pela Lua Nova, um Rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demônios do peito de uma tecelã, e que, à sua vez, um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e recorreu ao seu horto.

A referência a esse símbolo do mal e do pecado, vagamente conhecido, aliada à curiosidade de saber como era, através dos olhos realistas de um italiano, levárnos a um cinema onde se exibia um filme com esse sugestivo título: «Barrabás».

Admitindo que a história se apresenta muito romaneada a

«A VOZ DE LOULE» — N.º 267
— 6-1-1963.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo presente se anuncia que na 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca e no dia 6 do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta mesma comarca, se hão-de por pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor que lhes vai indicado, pelo qual serão postos em praça, os imóveis infra designados, penhorados aos executados Maria Clotilde Carrilho Cavaco e marido, Mário Neves Córps Graça, ela professora do ensino primário e residente em Portimão e ele empregado bancário e residente em Portalegre, e António Alberto Carrilho Cavaco, casado (separado judicialmente de pessoas e bens), capitão do Exército, accidentalmente residente nesta vila, nos autos de Execução Fiscal Administrativa que lhes move o Digno Agente do Ministério Público em representação da Fazenda Nacional, a saber:

Primeiro — O direito a um quinto da sua propriedade de uma morada de casas térreas com vários compartimentos, sita na vila de Loulé, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 32 460, a fls. 178 v.º do Livro B-82, e inscrito na matriz sob o artigo 3 311, com o valor matrício corrigido e correspondente de 28 392\$00; e, Segundo — O direito a um quinto da sua propriedade do primeiro andar de uma morada de casas com quatro compartimentos, nesta vila, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 3 012, a folhas 122 v.º do Livro B-8, inscrito na matriz sob o artigo 149, com o valor matrício corrigido e correspondente de 2 668\$80.

Pelo presente são citados os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de dez dias, a contar da arrematação, deduzirem, querendo os seus direitos.

Loulé, 19 de Dezembro de 1962

O Escrivão de Direito,
Joaquim Guerreiro Brasão

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

José António Carapeto dos Santos

ÁFRICA

Deseja embarcar rapidamente de barco ou avião para qualquer porto das n.º Províncias Ultramarinas?

Dirija-se imediatamente à

Agência de Viagens e Turismo Algarve

Praça da República, 98 - 100

Telef. 193 — LOULE

verdade é que tem verosimilhança e, no tocante a interpretação, atinge as raias do sublime e o desempenho de um actor na verdadeira acepção da palavra: Anthony Quinn.

Regala ver representar de forma tão extraordinária e convincente, dando uma sensação de realidade às coisas que, por pouco, nos sentimos transporta-las aquelas eras bíblicas com todo o seu cortejo de sofrimento, norteados para a Fé e crença no Todo Poderoso.

A honestidade é lema na obra em questão e por isso também a recomendamos aos que gostam de se documentar sobre tão magnifico problema e apreciam a arte que o cinema contém.

Não há dúvida que vale a pena uma deslocação à nossa capital cujos encantos, bem apreciados, deleitam o espírito de quem, cá longe, não pode usufruir-lhos no dia a dia do aliciamento, em regra ansioso por fugir ao seu ruído e atropelo!

Na nossa qualidade de sulista, acompanhamos M. Teixeira Gomes onde escreveu: «A súbita transição de um lugarejo provincial, cheio de fisionomias conhecidas, invariáveis, fotografadas na memória em todos os seus aspectos, para uma cidade pomposa, abre o espírito ao gozo da surpresa que, nos primeiros dias, nasce do mais insignificante espetáculo».

M. M. G.

Vem aí o Carnaval

(Continuação da 1.ª página)

meiros aos últimos minutos da festa, a ela assiste agradecida, conduzida aos ombros da solidariedade louletana.

A propaganda do Carnaval do Estoril já surgiu através da publicidade habitual e outras festas semelhantes à nossa se prenunciam.

E o Carnaval de Loulé, quem pensa nele ou no estudo da sua organização?

O tempo escasseia e nada nos consta sobre a sua efectivação. — Porquê? — Porque há carências de empreendedores, de boaventuras, porque falece no espírito dos louletanos aquela velha e ufana vontade de a dirigir e de realizar aquilo que até agora tem sido uma das mais opulentas iniciativas dos filhos desta terra?

Não podemos aceitar de boa mente tão confrangedora realidade. Não nos resignamos à ideia dos abandonos, das fugas, ou das deserções da classe dirigente, dos homens válidos ou responsáveis pela condução da vida pública louletana ou das suas melhores iniciativas privadas, como não acreditamos que se tenha chegado ao extremo de tamanha insensibilidade, a ponto de se postergar umas das suas mais fecundas realizações.

Para além de qualquer questão de ordem pessoal ou administrativa, deste ou daquele dessídio, deste ou daquele inquérito, a realização da festa não pode estar pendente de obstáculos deste género. A iniciativa é da estrita competência da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, auxiliada por todos aqueles que lhe possam e querem prestar colaboração. — Há outras razões impeditivas que não permitem à Mesa ou à Comissão Administrativa ombrar com a costumada função? — Então transmite-se publicamente essa decisão, com urgência, e desobrigue-se quem tiver que se desobrigar dessa responsabilidade.

A verificar-se esta última e lamentável hipótese, cumpre-nos então, em nome dos interesses locais e hospitalares, dirigir um apelo ao sr. Presidente da Câmara para que se digne ordenar a organização de tão prestante e útil iniciativa. Acreditamos que este nosso chamamento vai ser bem recebido, com prontidão e agrado, pelo nosso primeiro município, atendendo às suas conhecidas virtudes de benemerência, ao seu elevado espírito baileiro e ao seu amor à terra que lhe foi berço.

S.

OLIVEIRAS Enxertadas

VENDE Adelino Farajota — Telefone 145 — LOULE'.

MUARES

Por motivo de lavoura adiantada, vendem-se 2 riuares novas.

Tratar com Manuel Filipe Viegas — Telef. 15 — ALMANCIL.

A.E.V.A., os seus serviços e as suas instalações

(Continuação da 1.ª página)

zada. Como foi dito, está em estudo a sua ampliação, que terá de ser feita dentro do que for possível, já que, nesta matéria que pertenceira ao Estado, grandes são as necessidades em toda a parte.

2.º — Registou-se que a falta de transporte se verifica nas Ferreiras, a uma feira, na parte da manhã, com pescadores vindos de Albufeira. É possível. As 2.ª feiras, no verão, torna-se impossível prever onde são necessários os desdobramentos. Francamente o caso aponta não era de prever, isto porque os pescadores de Albufeira que se empregam nas traínneas com base no porto de Portimão, costumam alugar um auto-carro que os transporta no sábado para Albufeira e regressam no domingo à tarde, a Portimão. Como também dissemos, na zona é colocado um carro, para desdobramento e não se têm registos de reclamações e o serviço tem decorrido normalmente. Evidentemente que, um dia, pode ser necessário um desdobramento onde menos se espera...

Uma coisa desejamos esclarecer, para conhecimento do autor do artigo: O remédio que preconiza não pode ser usado, isto porque estando uma viatura de reserva em Albufeira, nunca poderá chegar às Ferreiras a tempo de efectuar desdobramento, porque a lei determina que este deve formar comboio com a da carreira. Com efeito, o telefona-ma, a deslocação de um carro de Albufeira às Ferreiras, necessitaria de cerca de vinte minutos, o tempo suficiente para a carreira estar quase em Lagoa. Consoante, não pode ser. Muitas outras coisas poderíamos dizer, sólito complexo assunto. O jornal inteiro não chegará para considerações e exemplos.

3.º — Afirmou o cronista que, em determinado dia, ficaram passageiros em terra, em Portimão, na carreira das 18 horas, para localidades além de Lagoa, nomeadamente Alcantarilha. Respondeu que em Portimão não podiam ficar pessoas por transportar. Vem, agora, aquele seu colaborador esclarecer que o caso se passou na primeira paragem depois da que constitui o início da carreira e que, pelo menos, um dos passageiros era para além de Alcantarilha. Em que ficamos? Quantos eram, afinal? Mas deixemos o caso numérico, onde o articulista não está seguro da sua verdade. O que desejamos esclarecer é que entendemos por «Portimão» a paragem oficial. E ai não fica ninguém por embarcar, nem que se tenham de usar duas, três, quatro ou mesmo cinco viaturas para desdobramentos, como aquele Sr. reconhece e testemunha. Mas, se alguém que se destine além de Lagoa, prefere a incerteza de lugar numa paragem imediata, à certeza do mesmo no inicio da carreira, a 300 metros de distância, esse risco é lá consigo. Nós podemos prever, desde que não sejam avisados. Com efeito, o passageiro ao adquirir o seu bilhete, no inicio da carreira (e pode fazê-lo com 24 horas de antecedência), fica com direito a um lugar, que é registrado no próprio bilhete. Pode, até, avisar que irá embarcar numa outra paragem adiante e o lugar continua a pertencer-lhe, até esse sítio. Mas se preferir jogar na incerteza, a culpa já nos não diz respeito, até porque o serviço de venda de bilhetes e marcação de lugares (serviço gratuito), nos custa muito dinheiro, só em benefício do público. Se esse público não colabora e não se aprova, que podemos fazer?

Agora vem a propósito o alvitre do articulista: que envie-nos um emissário na carreira para, em caso de necessidade, telefonar a pedir outra viatura. Com franqueza!

E se na segunda paragem não fôr necessário, e sim na terceira? E se neste também o não fôr, mas na quarta? E assim por diante... Até onde deveríamos manter o serviço (extra e não previsto na lei) de emissários esfaturetas?

4.º — A viatura que no dia 13

Trespassa-se

EM QUARTEIRA

Estabelecimento de petiscos, com jogos de laranjinha e gira-discos.

Tratar com Silvino Mendes Clemente Cavacos — QUARTEIRA

Guarda - Livros

Encarrega-se de qualquer trabalho de Escrita: Montagem, Seguimento, Balanços.

Informa esta Redacção.

Em pleno mar dos Açores

(Continuação da 1.ª página)

votas, os paluicos de um ou outro peixe e, as Ilhas que se avistam: a norte, a Graciosa; a Terceira a esfumar-se no infinito, a nascente; S. Jorge e Pico, a sul, e Faial, a poente. Cenário de Gigantes em pleno Oceano, quadro de reais pinceladas a despertar a nossa sempre ávida curiosidade.

S. Jorge, como o seu patrono, é átila, guerreira e sauta. Passa-se próximo à Ponta de Rosais, que também é designada para «Ponta do Charuto».

A tarde vai declinando. O Sol vai proporcionando reflexos suaves e convivitivos ao gozo que nos oferece a Natureza. «Carvalho Araújo» deixa «ferro» e

REBATE DE CONSCIÉNCIA

Muito nos custa abordar este melindroso aspecto da resposta do cronista. Este senhor afastou-se, demite-se, porque as suas crónicas não agrada. Pela nossa parte simplesmente defendemos os serviços da Empresa e não atacamos ou censuramos. A nossa resposta foi correcta. Limitamo-nos a refutar o ataque múltiplo e público, que nos dirigiu, embora adocicado com o lugar comum de que a Empresa é idónea e competente, mas... é o costume. Há sempre aquele mas, que serve de base para a crítica.

A propósito, devemos ainda esclarecer o que, enquanto quem escreve nos jornais pode errar, nos seus julgamentos, a Empresa é obrigada a defender-se, porque é responsável perante o Estado pelo uso que faz das concessões. Esta é a razão porque a defendemos, porque o contrário poderia constituir a afirmação e concordância de falhas que, afinal, não são suas, expondo-se a sanções disciplinares bem pesadas.

Mas quem critica, não deseja ser criticado. E, se o é, pede a demissão? Por tão pouco?

Parce que o autor do artigo não gostou da nossa insinuação de que havia escrito ao correr da pena. Ora se o título da crónica é «Ao correr da Pena...», poderá o seu autor queixar-se que se lhe aponte que escreveu ao correr da pena?... De duas, uma: se escreveu ao correr da pena, e o título está certo (e a crítica), ou se o faz mais profundamente, o título está errado.

E assim o demonstrou ao falar de estações de camionagem (vidé n.º 1), e de desdobramentos (vidé n.º 2 e 3). Certamente que reparou que nem tudo quanto escreveu, com critica construtiva, foi contestado. Deu-se seguimento ao que nos pareceu justo, ao que estava certo. E deu-se público conhecimento disso mesmo. Evidentemente que houve necessidade de esclarecer quanto ao que se nos afirmou descabido.

E quando o cronista faz afirmações como aquela de que certamente não sabemos o que se passa nas caminhetas, porque andaremos mais de automóvel, é injusto, mas uma vez, desrespeitamente. Andamos de caminheta e também de automóvel. Vamos a toda a parte onde há serviço para ver, público e pessoal para ouvir, nova matéria para estudar. E já lá vão quase 35 anos nestas azáfamas, desde a primeira carreira! Mas, além disso, a Gerência da Empresa tem os seus fiscais, a quem incumbem a verificação constante e aturada de todo o serviço que, nos seus diários relativos, a pôem a par de tudo quanto é mister resolver-se, a bem do público. E não diga o cronista (na vida prática funcional de uma entidade) que os seus Chefes hierárquicos, habitualmente em Lisboa (certamente com menor número de viagens a Loulé, do que aquelas que fazemos nos nossos serviços onde quer que eles se situem), necessitam de estar presentes na ridente vila algarvia, para saberem o que se passa na sua repartição!...

Vamos ficar por aqui. Acreditamos na sua boa fé, na honestidade dos seus propósitos. Por nós, pela nossa reação não deixe de escrever a sua interessante secção. Se assim fizer, deixará «Ao correr da Pena...», será mesmo, «correr com a Penal...». E é pena!...

Que fora em Loulé onde vira esse festival cheio de graça, luxo, riqueza; carnaval típico, carnaval que interessa, carnaval clássico onde os civilizados podem desfrutar de saudades por ouvir em tão distantes paragens falar do Algarve onde nasci. E com desobrado interesse continuo a ouvir.

Que não podia esquecer — diz — o célebre «corridinho» algarvio, por ser um polquedo de muita graça, por ser uma dança de vibração e um marcadinho de bastante alma que aquece os corações dessa gente do sul, dessa gente de poesia e de amor, camponezas algarvias através do característico chapéu e lenço a seduzirem quem as vê e a terminar nos poetas e nos literatos de garra.

Que não podia esquecer, jamais, o afamado carnaval de Loulé!...

Que fora em Loulé onde vira esse festival cheio de graça, luxo, riqueza; carnaval típico, carnaval que interessa, carnaval clássico onde os civilizados podem desfrutar de saudades por ouvir em tão distantes paragens falar do Algarve onde nasci.

— Se há abatimento, que ele se levante...

Se há cansaço, que se revigorem energias, que se tonifiquem forças, que haja ajudas, que haja vontade, que se tenha, enfim, a noção bem viva de que Loulé tem de continuar a ser o Loulé do Carnaval e da Mãe Sobeava, o Loulé que vive e não morre.

Barreiro, 20 de Dezembro de 1962.

dem melhor entreter seus óculos.

Que os louletanos são bairristas como nenhum outros, e que o monumento a Duarte Pacheco é bem o mais belo monumento de todo o Algarve, em homenagem ao maior algarvio da nossa época que engrandeceu Portugal como poucos o têm feito.

Ouço em silêncio todo este rossário de contos que me enchem a alma de modo e não poder conter a emoção que sinto, o calor que provoca o deslise subtil de unhas bolazinhas de água pelas faces, ao mesmo tempo que me aflora aos lábios uns sorrisos de bem sentida satisfação.

Não me posso mais conter. E pego licença, levantando-me do lugar onde estava sentado, para intervir na descrição ouvida.

Penso total nos personagens do grupo; expectativa e silêncio ante o meu atrevimento de intervir onde não era ouvido nem

EDITORIAL

Recenseamento Eleitoral

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

F A Z SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º, da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1963, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

AO ABRIGO DO DISPOSTO NOS ARTS. 1.º E 2.º DA CITADA LEI:

São eleitores e, como tal recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — Curso geral dos liceus;
- b) — Curso do magistério primário;
- c) — Curso das escolas e belas artes;
- d) — Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 30 de Dezembro de 1962

O CHEFE DA SECRETARIA,

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO

BOLIQUEIME

Agradecimento

Germano Vicente Gonçalves, esposa e filhos, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm por este meio, muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada a sua chorada mãe, sogra e avó Quitéria do Carmo Vicente.

Agradecem também a todas as pessoas que se interessaram pela saúde da saudosa extinta durante a prolongada doença que a vitimou e as que a exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

OLIVEIRAS

Para dispôr.
Vende M. Brito da Mana — Telef. 18 — LOULÉ.

Propriedades VENDEM-SE

Por motivo de ausência do proprietário, vendem-se diversas propriedades situadas junto da Estrada Nacional (entre Algoz e Messines) uma das quais dispõe de um grande prédio aquintalado (gênero mansão) que tem também todas as dependências necessárias à laboura.

Tratar com José Viegas Bota — Telef. 34 — Rua Serpa Pinto — LOULÉ, que presta todos os esclarecimentos.

Automóvel

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se um automóvel MORRIS em bom estado geral.

Tratar na Rua Miguel Bombarda, 62-64 — Telefone 37 — LOULÉ.

Ajude o Artesanato!

Comprando bordados de Viana

J. Pereira da Costa Odontologista

Participa aos seus Prezados Clientes e Amigos que mudou o seu consultório para a

Avenida José da Costa Mealha, 39 - 1.º

(em frente ao Cinema)

Telefone 114

LOULÉ

Oficina de canteiro

Por o proprietário se encontrar impossibilitado de trabalhar e não poder orientar o serviço, trespassa-se uma oficina de canteiro em Loulé, com vários trabalhos já executados e diverso material em bruto.

Tratar com Francisco José Marcelino — Rua Sacadura Cabral, 1 — LOULÉ.

CASA

Aluga-se uma casa acabada de construir, situada na Rua dos Combatentes da Grande Guerra (Campina de Cima), com 6 divisões e terraço.

Tratar com José Rocheta Morgado — Telefone 131 e 151 — LOULÉ.



Embeleze-o, torne-o mais acolhedor e atraente com:
Móveis novas... modernas... práticas... confortáveis...

Nos estabelecimentos de: HORÁCIO PINTO GAGO

Rua Dr. Frutuoso da Silva e Av. José da Costa Mealha — LOULÉ

TERA MUITO POR ONDE ESCOLHER.

De todos os estilos... Para todos os gostos... Para todos os preços... Para todos os fins...

Mesmo por curiosidade, faça hoje mesmo uma visita ao vasto salão de exposições da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

As suas exposições, constantemente renovadas, são uma pequena amostra da sua grande existência.

Compre agora e sempre nesta casa.

BEBA ÁGUA

das Caldas de Monchique

De mesa e gaseificada

O melhor que se fabrica

POSTAL de FARO

(Continuação da 1.ª página)

da Nação Irmã. Além de actuar na Rádio e TV carioca, Filipe de Brito, que se estreou há perto de 12 anos na Feira Popular de Loulé, exibiu-se também em emissões radiofónicas e televisivas em S. Paulo, seguindo depois rumo à Venezuela. Este artista, que tem sido o melhor embaixador da vibrante música popular algarvia em terras de Espanha, França e Suíça, despediu-se do nosso público com um concerto de música clássica, no dia 26 de Dezembro no Círculo Cultural do Algarve.

Para Filipe de Brito, a quem nos prende uma sincera amizade e em quem reconhecemos um verdadeiro artista, vão os votos dum boa digressão e que de sobremaneira, se cumpram as palavras que há alguns meses, declarou ao nosso jornal: «levarei aos portugueses do Brasil e Venezuela, a mensagem vibrante da música portuguesa».

Noticiário

Foi nomeado director da Biblioteca do Liceu Nacional de Faro o Dr. Francisco Guerreiro da Silva, professor efectivo do 4.º grupo daquele estabelecimento de ensino.

Numerosas festas natalícias se efectuaram na cidade, entre as quais destacamos a do pessoal da Junta Autónoma das Estradas da Sociedade de Panificação Estrela Farene, do Instituto Alemão em Faro, da JOC, etc.. No coreto do Jardim Manuel Bivar, estava armada uma grande arvore de Natal, iluminada e onde o público podia deixar as suas lembranças para os internados nas obras assistenciais da capital algarvia.

O Organismo Nacional Italiano de Turismo, de Lisboa promoveu no átrio do Cinema Santo António uma exposição de cartazes e fotografias, bem como na sala de espectáculos uma projeção de filmes sobre o turismo na Itália.

Na última jornada do Campeonato do Algarve de Juniores, em futebol, o Farene venceu o Olhanense por 2-1, enquanto que o Moncarapachense foi derrotado pelo Lusitano por 4-1. O Faroense contando por vitórias os jogos efectuados, comanda a classificação.

Foi nomeado comandante do porto de Faro, na vaga deixada pelo capitão de fragata Eduardo Augusto Metzner o sr. Capitão Tenente Vitor de Sousa Uva.

Efectuou-se a Assembleia Geral Ordinária da Mutualidade Popular de Faro, durante a qual foram eleitos os novos corpos gerentes da associação, ficando como presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, respectivamente os srs. Dr. José de Jesus Neves Jr., Francisco das Santos e Amílcar Aleixo Fazenda.

Deslocou-se ao Algarve, por iniciativa da Federação Portuguesa de Basquetebol o conhecido técnico prof. José Esteves, tendo pronunciado uma série de conferências sobre a modalidade e tomou contacto com dirigentes desportivos e escolares. As sessões efectuaram-se em Olhão, Faro, Portimão e Albufeira, respectivamente nas sedes de «Os Olhanenses», Faro e Benfica, Portimoneense e Imortal.

Começa a disputar-se no domingo, dia 13 o Torneio «Jornal do Algarve», para barcos da classe snipe, organizado por aqueles nossos colegas e com a colaboração do Ginásio Clube Naval. A iniciativa visa aumentar a actividade náutica nesta cidade, sendo possível que o Torneio se dispute anualmente.

João Leal

Cada recanto do seu LAR deve ser um lugar aprazível de conforto

Faça os seus anúncios na «Voz de Loulé»

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 1, os srs. José Manuel Júdice Pontes e Francisco Bita Bota, residente em Lisboa e a sr. D. Maria Guerreiro de Sousa.

Em 2, a sr. D. Maria do Carmo de Brito Gomes, residente na América do Norte, e os srs. Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro, Francisco de Brito Barracha e Carlos Maria Bolotinha.

Em 3, a sr. D. Maria da Semente Vilhena Baptista Martins e o menino Francisco da Silva Ferreira.

Em 4, a menina Ana Lucília Fernandes Caeiro, residente em Moura.

Em 6, as meninas Deonilde Morgado Martins, Maria Helena Marting Carrilho e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro e as srs. D. Maria José Rocha Carapet, Silva Pereira e D. Lucilia Bocarelli de Sousa, residente em França.

Em 8, a menina Maria Helena Correia Contreiras e o menino José Manuel Sousa do Nascimento.

Em 9, a sr. D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Villa Real de Santo António, os srs. Eleuterio Pires Gomes, e Daniel de Sousa Domingos, residente em Lisboa.

Em 10, as srs. D. Orlando Maria de Sousa Luis Ramos, D. Maria Josefa Guerreiro Rua Frade Lory, o sr. Francisco Andrade Ferreira e o menino André Fernandes Caeiro Moura.

Em 11, os srs. Sebastião Marcal do Castro e Manuel Costa Gonçalves.

Em 12, as srs. D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabeth Mendes Esteves e D. Cândida de Brito Cecília, residente no Palmeiral.

Em 14, a menina Maria Catarina da Franca Rodrigues Cebola, a sr. D. Lídia Modesto dos Santos Vaz e o menino Vitor Manuel de Sousa Correia.

Em 15, a sr. D. Maria Quitéria Ramos e o sr. João Aleixo Cebola.

Em 16, os meninos António Vila-Lobos de Carvalho Santos e Carlos Alberto Simão Mata e a menina Maria Amélia Coelho Guia, residente em Grandioza.

Em 17, a sr. D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. José Manuel Ferreira, Manuel Sérgio Viegas Gago e João Gomes da Fonseca, e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Em 19, o menino Aristides Leal Alho e a sr. D. Lucilia Miguel Barão.

Em 20, a sr. D. Maria de Lourdes da Palma.

Em 24, o sr. Padre João Baptista Peres.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Maria Célia Inês Fangueiro Coelho dos Santos, esteve em Loulé o sr. Dr. Alvaro Coelho dos Santos, nosso prezano assinante em Lisboa.

A fim de elaborar estudos sobre projectos para um Liceu, Escola Técnica e Bairro Residencial na cidade da Praia encontrase em Cabo Verde o nosso estimado amigo e assinante sr. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, funcionário do Ministério do Ultramar.

Acompanhado de sua esposa, sr. D. Esperança da Silva Neves Coelho e de sua filha Flómena Maria, esteve em Loulé o nosso prezano assinante em Lisboa, sr. António Nunes Coelho.

Acompanhado de seus filhos e esposa, a nossa conterrânea sr. D. Maria Irene Jacinto da Silva Vieira, esteve alguns dias em Loulé o nosso prezano assinante sr. Dr. António Luís Vieira, adjunto do Procurador da Repúblia do Círculo Judicial de Beja.

A passar o Natal com a sua família, esteve em Loulé o nosso prezano amigo e assinante sr. Dr. Orlando Pinheiro Rafael Pinto, assistente do Instituto de Investigação Industrial.

Com sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Dina Maria Rocha Carapet de Vilhena Ramirez Ramos e seu filho, esteve em Loulé o sr. Joaquim de Vilhena Ramirez Ramos, nosso prezano assinante em Ervedel.

Cumprimentámos em Loulé o nosso conterrâneo e prezano assinante em Moncarapacho sr. João Mascarenhas Mendonça.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezano amigo e assinante em Almada sr. Modesto Leal Viegas.

Com sua esposa e filhos, passou alguns dias em Loulé o nosso cíprovinciano e prezano assinante em Lisboa sr. Dr. Joaquim Lourenço Gago.

Em gozo de licença, esteve alguns dias em Loulé, o sr. An-

TRESPASSA-SE

Amplio estabelecimento, situado na Praça da República, 42 - 44.

Tratar com CARLOS MARTINS ELIAS

Telefone 178

LOULE

Aqui, Lisboa...

Por Marisabel Xavier de Fogaça

tónio Mateus de Azevedo, nosso conterrâneo e prezado assinante em França.

Vindo de Luanda, onde esteve alguns meses, regressou a Loulé o nosso conterrâneo sr. Alvaro Guerreiro Lopes.

Acompanhado de sua esposa sr. D. Maria Olímpia Paulo e sua filha Maria Elisa, esteve em Loulé com curta demora e nosso prezado assinante em Almada sr. Bernardino Martins Paula.

Foi-nos grato cumprimentar neste o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. Ventura Rocheta Gomes, secretário do Governo Civil de Leiria.

De visita a sua família e a matar saudades da terra natal, está entre nós o sr. Manuel Joaquim Alcaria, nosso prezado assinante nos Estados Unidos.

A matar saudades da terra natal, está em Loulé o nosso conterrâneo e dedicado assinante no Canadá sr. Júlio Rodrigues Pinto.

Pelo mesmo motivo, também veio passar uma temporada a Loulé o sr. David Mendonça, nosso prezado conterrâneo residente nos Estados Unidos.

ALEGRIAS DE FAMILIA

Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve o seu bom sucesso, no passado dia 27 de Dezembro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr. D. Vitalina Custódio Favinha Mata, esposa do nosso prezado amigo sr. Amândio Augusto da Piedade Mata, empregado de escritório nesta vila.

O recém nascido, que na pia baptismal receberá o nome de Amândio José, é neto paterno do nosso prezado amigo sr. Casimiro dos Santos Mata, funcionário de Finanças da Fazenda Pública de Loulé, e de sua esposa sr. D. Vitalina Favinha Mata, e prezano da vila.

Foi celebrante o Reverendo Monsenhor Dr. António Baptista Delgado.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seus pais e por parte da noiva o sr. Dr. Manuel Soares Cabecadas e sua esposa sr. D. Maria Clotilde Ataíde Ferreira Cabecadas.

Foi celebrante o Reverendo Monsenhor Dr. António Baptista Delgado.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo «copo d'água», em casa do pais da noiva, durante o qual se fizeram numerosos brindes pela felicidade do jovem casal.

Também se realizou, no passado dia 22 de Dezembro, na Igreja de S. Lourenço de Almancil, o esperançoso enlace matrimonial da sr. D. Adelaide Maria Pires, professora do ensino primário, prendada filha da sr. D. Ana da Conceição Teixeira Pires e do sr. José Pires Guerreiro, proprietário, como o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. João Barros Madeira, médico nesta vila, filho da sr. D. Joana Aragão Barros Madeira e do sr. David Mendes Madeira, importante industrial e proprietário nesta vila.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios srs. António Guerreiro Pereira, proprietário e sua esposa sr. D. Maria Teresa Cavaco Pereira, e por parte do noivo, seus tios srs. Arnaldo Augusto Santos, empregado bancário e sua esposa sr. D. Ana Vitória Aragão Barros Santos.

Foi celebrante o Reverendo Padre Cabanita.

Após a cerimónia, foi oferecidos convites um finíssimo «copo d'água» no Restaurante «Duas Sentinelas».

Na Igreja de S. Francisco, também teve lugar, em 30 de Dezembro, o casamento do nosso prezado assinante sr. Ogevaldo Farrajota Ralheta, comerciante da nossa praça, filho do sr. António Piedade Ralheta, comerciante e da sr. D. Maria Correia Farrajota, com a sr. D. Neusa Maria Ramos Cecília gentil filha do sr. Joaquim Sousa Cecília, comerciante na Venezuela e da sr. D. Maria da Glória Ramos, residente em Vale Judeu.

Na sede da Sociedade Recreativa de Vale Judeu foi servido um abundante e finíssimo «copo d'água» aos numerosos convidados.

Foram padrinhos os srs. Manuel Martins Farrajota, Hélder Farrajota Ralheta e as srs. D. Solange Farrajota Ralheta e D. Maria Inês Ramos Cecília.

Aos novos casais, para quem auguramos as maiores venturas, endereçamos os nossos parabéns e votos de muitas felicidades.

C. T. T. nesta vila. O saudoso extinto era sogro do sr. Henrique Raposo Caixearinho, do nosso prezado amigo e assinante sr. Infácio Coelho Martins e da sr. D. Maria do Rosário Guerreiro Mirotas e avô do sr. Manuel Henrique Mirotas Caixearinho, e das meninas Dina Teresita Mirotas Caixearinho, estudante e Maria José Guerreiro Mirotas.

No Hospital de Oncologia, em Lisboa, onde esteve internado, faleceu no dia 30 de Dezembro o nosso conterrâneo sr. Francisco José Salgadinho Figueiras, solteiro, industrial nesta vila, filho do sr. Joaquim José Figueiras industrial e da sr. D. Antónia Conceição Salgadinho.

O funeral, a cargo da Agência Carrilho, de Loulé, constituiu uma profunda manifestação de pesar.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

Novos lares

Na igreja Matriz de Olhão, celebrou-se no passado dia 16 de Dezembro o auspicioso enlace matrimonial do nosso conterrâneo sr. Eduardo João Passos Correia, estudante de direito, filho do concierto comerciante desta praça, e nosso prezado assinante e amigo sr. Eduardo Correia e da sr. D. Joana de Passos Bandeirinha Correia, com a sr. D. Maria Fernanda Romeira Morgado, gentil filha do sr. José Gomes Morgado, considerado comerciante em Olhão e da sr. D. Maria de Lourdes Romeira Morgado.

Padrinharam o acto, por parte do noivo, seus pais e por parte da noiva o sr. Dr. Manuel Soares Cabecadas e sua esposa sr. D. Maria Clotilde Ataíde Ferreira Cabecadas.

Foi celebrante o Reverendo Monsenhor Dr. António Baptista Delgado.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo «copo d'água», em casa do pais da noiva, durante o qual se fizeram numerosos brindes pela felicidade do jovem casal.

Também se realizou, no passado dia 22 de Dezembro, na Igreja de S. Lourenço de Almancil, o esperançoso enlace matrimonial da sr. D. Adelaide Maria Pires, professora do ensino primário, prendada filha da sr. D. Ana da Conceição Teixeira Pires e do sr. José Pires Guerreiro, proprietário, como o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. João Barros Madeira, médico nesta vila, filho da sr. D. Joana Aragão Barros Madeira e do sr. David Mendes Madeira, importante industrial e proprietário nesta vila.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios srs. António Guerreiro Pereira, proprietário e sua esposa sr. D. Maria Teresa Cavaco Pereira, e por parte do noivo, seus tios srs. Arnaldo Augusto Santos, empregado bancário e sua esposa sr. D. Ana Vitória Aragão Barros Santos.

Foi celebrante o Reverendo Padre Cabanita.

Após a cerimónia, foi oferecidos convites um finíssimo «copo d'água» no Restaurante «Duas Sentinelas».

Na Igreja de S. Francisco, também teve lugar, em 30 de Dezembro, o casamento do nosso prezado assinante sr. Ogevaldo Farrajota Ralheta, comerciante da nossa praça, filho do sr. António Piedade Ralheta, comerciante e da sr. D. Maria Correia Farrajota, com a sr. D. Neusa Maria Ramos Cecília gentil filha do sr. Joaquim Sousa Cecília, comerciante na Venezuela e da sr. D. Maria da Glória Ramos, residente em Vale Judeu.

Na sede da Sociedade Recreativa de Vale Judeu foi servido um abundante e finíssimo «copo d'água» aos numerosos convidados.

Foram padrinhos os srs. Manuel Martins Farrajota, Hélder Farrajota Ralheta e as srs. D. Solange Farrajota Ralheta e D. Maria Inês Ramos Cecília.

Aos novos casais, para quem auguramos as maiores venturas, endereçamos os nossos parabéns e votos de muitas felicidades.

C. T. T. nesta vila. O saudoso extinto era sogro do sr. Henrique Raposo Caixearinho, do nosso prezado amigo e assinante sr. Infácio Coelho Martins e da sr. D. Maria do Rosário Guerreiro Mirotas e avô do sr. Manuel Henrique Mirotas Caixearinho, e das meninas Dina Teresita Mirotas Caixearinho, estudante e Maria José Guerreiro Mirotas.

No Hospital de Oncologia, em Lisboa, onde esteve internado, faleceu no dia 30 de Dezembro o nosso conterrâneo sr. Francisco José Salgadinho Figueiras, solteiro, industrial nesta vila, filho do sr. Joaquim José Figueiras industrial e da sr. D. Antónia Conceição Salgadinho.

O funeral, a cargo da Agência Carrilho, de Loulé, constituiu uma profunda manifestação de pesar.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita simpatia.

O seu funeral, a cargo da Agência Carrilho, constituiu por isso uma sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

O saudoso extinto contava apenas 27 anos de idade e a sua morte foi profundamente sentida por quantos o conheciam, pois era pessoa digna de estima e consideração. Era tesoureiro da Sociedade dos Artistas, onde desfrutava muita